

Diario de Lisboa

Numero avulso: 20 CENTAVOS

DIRECTOR

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Administrador e Editor

MANZONI DE SEQUEIRA

JOAQUIM MANSO

Redacção, administração e oficinas

Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

SECRETARIO DA REDACÇÃO

RUA LUZ SORIANO, 48

ALVARO DE ANDRADE

Impressão: Rua do Seculo, 43

Junqueiro fica hoje nos Jeronimos, Panteon improvisado numa nave com cinco seculos, ao lado de João de Deus e de Garrett, pertinho de Herculano e de Camões, sob as abobadas que ouviram o sonho da India e conheceram todas as epopeias da Patria.

Que todos os homens que têm filhos pequenos lhes ensinem a começar de hoje a ler e a respeitar o nome dêsse português que acreditou em Deus e na Patria, no Amôr e na Beleza, e morreu serenamente como um justo.

De toda a obra de Junqueiro recolhemos o trecho tão simples e tão belo do «Cavador de Setubal» e damos-lo aos nossos leitores que porventura o desconheçam, como uma das paginas mais perfectas e mais delicadas e a um tempo mais profundas, da literatura portuguesa de todas as idades.

Que titulo augusto, que nome ideal para um vivente,—o Cantador!

O homem que canta! Este verbo cantar é sagrado, como o verbo florir ou o verbo resplandecer. Os ritmos silentes do universo traduzem-se pelo som nos ritmos do canto. Cantar é divinizar o som. A vida inteira é harmonia inteira.

Quer os globulos do sangue, quer os blogulos astrais movem-se por musica.

Um sol é um orgão e a luz uma sinfonia esplendorosa. O prisma decompõe-na, a optica descreve-a, mas defini-la só o canto. O canto, mathematica viva, eis o revelador da natureza, a lingua suprema do universo.

O Cantador! Que nome ideal para um destino! Ser o cantador, ser a voz da agua e do vento, da rocha e da floresta, dos homens e dos monstros, dos infusorios e dos soes, das nebulosas e dos atomos! Cantar o riso, o beijo, o olhar, a dor, a lagrimal! Cantar o sangue impetuoso, as seivas genesicas, os fluidos radiantes, as marés vitais, as electricidades criadoras! Cantar as formas e as essencias, numeros que dizem ideias, linhas que desenham espiritos! Cantar a marcha heroica e resplandecente do lodo para o verme, do verme para o tigre, do tigre para o homem, do homem para o anjo, dos anjos para Deus! Cantar o Gólgota do Sêr, a Paixão do Viver, a cruz eterna e formidavel que a natureza leva aos ombros! Cantar, emfim, o amor e a dôr, o drama religioso do universo. É o drama do universo cantá-lo ao universo inteiro, desde a cinza da urze ao pó dos astros infinitos. Ser o Cantador! não ter outro nome. Quem és? O Cantador. Quem te criou? A vida imortal. Onde nasceste, onde moras?



Na vida imortal. Que fazes? Sou o Cantador, canto a vida imortal. E o ultimo suspiro mandá-lo á vida imortal, no seu ultimo canto! Ah! como eu te invejo, meu pobre e humilde Cantador de Setubal!

Tu foste, na tua ignorancia, a alma lirica e luminosa dos deserdados e dos simples. Foste o éco risonho das suas alegrias, a voz amorosa e meiga dos seus desalentos e pesares. Canto do cuco, sempre o mesmo canto, singelo e monotono! Embora. A raiz chupa ao lôdo a flôr que nasce na vergonteia. Tu, do lôdo da vida, extraiste a canção que é a flor em musica. Mas a flôr vem de ano a ano, e tu andas florido, que primavera! ha mais de meio seculo.

És o Cantador! És o Canta-

dor! Por mais de meio seculo, ao ritmo do teu macete martelando no escopro, aparelhaste barcos e canções: barcos levando esperanças e miserias, canções levando lagrimas e risos. E que são barcos senão harmonias fluctuantes? Uns em aguas cristalinas deslizam como idolos, outros, como epopeias, sulcam voragens e tormentas. Sob o esplendor de ocasos outonais, recordo-me de ver em baías ermas, galeras melancolicas, a concha sinuosa, os mastros nus e fugitivos, aereamente destacando, á luz ideal, as cordas leves e purissimas. Não são navios, dizia eu, são harpas boiando, harpas gigantes que flutuam. Harpas de sonho, para dedos de sombra e misereres de luar...

Mas agora dou fé que, sem

querer, estou cantando e não recebes o canto.

Falar-te-hei com simplicidade, para que me entendas.

Não sabendo ler nem escrever, és um grande poeta, meu ignorante e ignorado Cantador de Setubal. Os grandes poetas são os grandes homens e a grandeza humana, aos olhos de Deus, mede-se pela virtude, pela innocencia, pelo sentimento verdadeiro da nossa alma, pela ternura infantil do nosso coração. Ora, a tua bondade, meu velho, exalta-se das tuas cantigas sem arte, como um aroma delicioso dum matagal inculto, que nasceu entre pedras. O vicio não te manchou, o crime não te desonrou. Ganhaste com o suor da fronte o pão de cada dia, com a alma em Deus abriste o olhar a todas as manhãs, e todas as noites, tranquilo, na misericordia de Deus adormeceste. Arrancaram-te lagrimas piedosas os tormentos do mundo, guerras, fomes, flagelos, desastres, miserias, iniquidades. Amaldiçoaste a soberba, cuspiste no dolo e na tirania. Bondade ingenua, pobreza santa, alegria clara, eis o resumo simples da tua vida. Bem poucos mortais, á hora extrema, poderão dizer o que tu dizes:

Nunca fui mal procedido,
Nunca fiz mal a ninguém;
Se acaso fiz algum bem,
Não estou disso arrependido.
Se mau pago tenho tido,
São defeitos pessoais;
Todos seremos iguais
No reino da eternidade:
Na balança da igualdade
Deus sabe quem pesa mais.

Sim. Na balança invisivel da igualdade, na balança de Deus, acaso pesarão mais as tuas cantigas de analfabeto que muitos poemas illustres, já consagrados pela historia. Maior do que eu és tu, sem duvida. Maior, porque és melhor. Tu foste bom continuamente, e eu, querendo sê-lo muitas vezes, poucas o fui, na realidade. Venero-te. Venero em tí a beleza unica, a beleza moral.

Cantador humilde, Cantador velhinho, em paga do meu afecto, manda-me de longe a tua benção.